

Raimundus Lullus, *Ars demonstrativa* (op. 27), cura et studio Josep Enric Rubio Albarracín, (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis 213 - Raimundi Lulli Opera latina, vol. XXXII), Brepols Publishers, Turnhout 2007; LXIV+350 pp., 6 + 15 estampas a cor, ISBN 978-2-503-05131-4.

A apresentação e exploração da *ars* nos seus fundamentos e variantes é talvez a mais persistente tarefa de Raimundo Lúlio, nas persistentes tentativas de concretizar a visão que lhe impunha “escrever o melhor livro do mundo”. O volume 32 da edição crítica das obras latinas do autor maiorquino, publicado na série latina do Corpus Christianorum, inclui a primeira das revisões da arte, a *Ars demonstrativa* (Arte demonstrativa), composta em Montpellier por volta de 1283 e catalogada como opus 27 num corpus que inclui cerca de 280 obras. Alguns anos antes, em 1274, Raimundo havia dado a primeira versão dessas inúmeras tentativas de fixação do método e da sùmula dos seus resultados, a *Ars compendiosa inveniendi veritatem* (Arte compendiosa de encontrar a verdade), que nesta segunda tentativa revê e amplia. Seguir-se-ão numerosas obras que perseguem o mesmo projeto e que terão no seu título a palavra *ars*.

Como é habitual na série, a edição crítica é antecedida por uma ampla introdução (pp. XVII-LXIV), redigida pelo próprio editor, Josep Enric Rubio Albarracín, professor titular do Departamento de Filologia Catalã da Universidade de Valência, na qual expõe os princípios de edição e oferece uma utilíssima explicação do sentido e objetivos da *ars* luliana, quais os seus princípios e figuras e como funciona e é exemplificada a demonstração. Seguidamente analisa a estrutura da obra, sobre a qual é também muito útil o índice final, que oferece um conspecto analítico do conteúdo da obra de Raimundo Lúlio.

A *Ars demonstrativa* começa com um prólogo que começa por dar o significado do alfabeto em que assenta o método combinatório, apresentando também os três tipos de demonstração e os princípios da *ars*; algumas letras do alfabeto representam figuras (A Deus, S intelecto, T princípios, V virtudes e

vícios, X predestinação, Y verdade, Z falsidade) e as outras (de B a R) significam conceitos). Seguem-se quatro *distinctiones*. A primeira *distinctio* é sobre as figuras, cada uma das quais representa 1 ou 2 princípios e tem uma forma circular (são dadas em estampas com reprodução dos manuscritos e em alguns casos redesenhadas). As figuras são a base operativa e combinatória do método, cujo funcionamento é explicado na *distinctio* segunda sobre o condicionamento das câmaras das figuras elementais que procuram resumir a natureza de tudo o que existe, em que a figura elemental corresponde à natureza sensual e a figura demonstrativa corresponde à natureza intelectual, que é antecidada por aquela; o condicionamento das câmaras permitirá estabelecer analogias e, mais à frente, encontrar respostas para as questões que sejam colocadas em busca de uma resposta através deste método combinatório. A terceira distinção ocupa-se da “intenção”, a tendência de todos os seres para a causa final e para o instrumento que possibilita esse fim, baseando-se na muito medieval distinção, que Raimundo adopta, entre intenções primeiras e intenções segundas, que no total se dividem em «dezasseis modos que se podem mover pelos dois círculos da nona figura» e que incluem «*recollere* recordar, *intelligere* inteligir, *velle* querer, *credere* crer, *contemplari* contemplar, *invenire* encontrar, *dirigere* dirigir, *praedicare* predicar, *exponere* expor, *solvere* resolver, *iudicare* julgar, *docere* ensinar, *disputare* disputar, *consulere* aconselhar, *consuescere* acostumar, *sanare* curar», cada um dos quais é individualmente discutido e exemplificado, pois a partir deles, como diz, podem ser encontrados muitos outros modos nesta arte (p. 139). Finalmente, a quarta e mais extensa distinção destina-se a exemplificar o modo de solucionar questões através do método combinatório antes explicado: esta é a etapa prática e executiva do método, o seu fim explícito. Apesar de tudo, é apenas nesta parte que o método luliano é cabalmente compreensível, pois a solução não é encontrada para todas as questões do mesmo modo e segundo as mesmas combinatórias, mas há variantes sensíveis no modo de organizar e obter as soluções. As questões estão organizadas consoante podem ser resolvidas 1) pelas letras, 2) pelas figuras como as questões de Deus, da alma, dos princípios da arte, das virtudes e dos vícios, da predestinação, dos princípios da teologia, dos princípios da teologia, dos princípios do direito. Como diz Josep Rubio, esta quarta parte oferece um amplo panorama das preocupações intelectuais de Raimundo, sendo que elas reaparecerão tratadas de forma similar ou em abordagem diversa, em muitas das suas obras (p. XXXIV).

A segunda parte da Introdução ocupa-se das diversas questões colocadas pelo texto e pela sua transmissão manuscrita, desde a confirmação da autenticidade,

testemunhada por inícios externos e pela sua inclusão nos catálogos lulianos. O texto latino é transmitido por 24 manuscritos, todos descritos e utilizados para fixar o texto crítico, que oferecem uma estável unidade de variantes, embora tenham entre si uma complexa tradição paralela (cfr. *stemma* na p. LIX). A Introdução conclui com o estudo da relação do texto latino com a versão catalã da obra, transmitida por um único manuscrito, já publicada em Palma de Mallorca em 1932 por Salvador Galmés, no volume XVI das Obres de Ramon Llull.

Como é habitual nas suas obras, Raimundo não cita directa ou indirectamente qualquer fonte ou autor, pelo que, também neste caso, o aparato de fontes se limita às suas próprias quatro obras que Ramón cita modicamente (cfr. índice p. 313). Josep Rubio oferece um detalhado aparato de variantes, que é particularmente amplo até à segunda figura da primeira *distinctio*, sendo que depois desse ponto as divergências entre manuscritos se reduzem consideravelmente.

José Meirinhos
(Gabinete de Filosofia Medieval – Faculdade de Letras
da Universidade do Porto)